

## A Plataformização da Educação: Entre Algoritmos, Dados e o Risco de Esvaziamento Pedagógico.<sup>1</sup>

Renata Lopes Machado Romanholi<sup>2</sup>

Nikolas de Azevedo Bigler<sup>3</sup>

### Resumo

O atual panorama educativo no Brasil, imerso na "virada cibernética", tem na plataformização sua nova matriz infraestrutural, impulsionada pela retórica da eficiência e da inovação. O presente estudo propõe analisar criticamente como essa mediação digital, ancorada na racionalidade técnica (Marcuse, 1964) e na lógica do Capitalismo de Plataformas (Srniczek, 2017) e do Colonialismo Digital (Silveira, 2021), contribui para a semiformação (*Halbbildung*) (Adorno, 1995) e o esvaziamento do professor, distanciando-se do ideal emancipatório da *Bildung*. A justificativa reside na urgência de um diagnóstico crítico (Teoria Crítica) que desvele a lógica reificante da Indústria Cultural, que, ao converter a prática pedagógica em fluxo de dados e vigilância (Van Dijck, 2013; Evangelista, 2022), a subordina aos interesses extrativistas do mercado. A crítica é aprofundada pelo diagnóstico de Benjamin sobre o declínio da experiência (*Erfahrung*) (Benjamin, 2018), onde a reprodutibilidade técnica e a padronização aniquilam a singularidade do encontro pedagógico. A solução reside na desinstrumentalização da técnica, exigindo sistemas abertos e flexíveis que empoderem o docente como autor crítico, restaurando a autonomia e dedicando o tempo à interação dialógica, em vez de consolidar a adaptação passiva e a desigualdade.

**Palavras-chave:** Plataformização da Educação; Razão Instrumental; Semiformação (*Halbbildung*); Declínio da Experiência (*Erfahrung*); Autonomia Pedagógica.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Painel Temático Educação: plataformização no ensino-aprendizagem do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup> Doutora em Educação; Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Email: [renatamachado@ufrj.br](mailto:renatamachado@ufrj.br)

<sup>3</sup> Doutor em Educação; Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Email: [nikolasbigler@ufrj.br](mailto:nikolasbigler@ufrj.br)

O cenário educacional contemporâneo no Brasil encontra-se no epicentro de uma profunda "virada cibernética", onde o ofício docente e a experiência discente são crescentemente mediados por plataformas digitais. Impulsionada pela retórica da inovação e da eficiência, a plataformização no ensino-aprendizagem consolidou-se, sobretudo no contexto das reformas curriculares e da expansão do Ensino Remoto Emergencial, como a nova infraestrutura que reconfigura as relações pedagógicas e as políticas educacionais no contexto brasileiro.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar criticamente em que medida essa mediação digital, ancorada na lógica da racionalidade técnica, aprofunda a semiformação (*Halbbildung*), promove o esvaziamento do professor e intensifica as desigualdades, distanciando-se do ideal emancipatório da *Bildung*. A justificativa central e relevância desta investigação reside na urgência de se empreender um diagnóstico crítico-imanente (Teoria Crítica) que desvele a lógica reificante subjacente à plataformização, fornecendo subsídios teóricos e práticos para a defesa da autonomia pedagógica e da qualidade da experiência (*Erfahrung*) contra a subsunção do processo formativo à pura eficiência instrumental.

Contudo, é imperativo despir este fenômeno de sua aura neutra e tecnocrática, reconhecendo-o como uma manifestação da racionalidade instrumental (Marcuse, 1964) e da lógica do Capitalismo de Plataformas (Srnicsek, 2017).

Em "O Homem Unidimensional" (2015), Herbert Marcuse critica a racionalidade instrumental (ou tecnológica) como a principal forma de dominação nas sociedades industriais avançadas, sejam elas capitalistas ou socialistas. Essa racionalidade, focada na eficiência dos meios para fins dados, apresenta-se como neutra e puramente técnica, mas é, na verdade, profundamente ideológica e política.

Ao otimizar o sistema produtivo e de consumo, ela cria e satisfaz "falsas necessidades", integrando o sujeito ao *status quo* e eliminando a capacidade de pensamento crítico (a "negatividade" dialética). O resultado é o "homem unidimensional", um ser adaptado e conformista que perde a dimensão da oposição e da transcendência, aceitando o sistema eficiente de controle como a própria encarnação da Razão.

Podemos inferir algumas reflexões a partir do livro *Platform Capitalism*, “Capitalismo de Plataformas” (2017), de Nick Srnicek, que argumenta estarmos em uma nova fase do capitalismo, onde a lógica central é a extração, análise e utilização de dados. Srnicek (2017) define plataformas como infraestruturas digitais intermediárias que organizam interações entre diferentes grupos de usuários (consumidores, trabalhadores, anunciantes) e usam os efeitos de rede para alcançar o monopólio.

A crítica de Srnicek (2017) sobre o Capitalismo de Plataformas aplica-se à educação ao expor como as escolas e universidades estão sendo integradas à lógica da extração de dados. Plataformas digitais e *EdTechs* funcionam como infraestruturas que, através da tecnologia, capturam continuamente informações sobre o desempenho e o comportamento de alunos e professores.

A ascensão das plataformas de ensino transforma o processo pedagógico, antes visto como um bem público, em uma fonte valiosa de dados brutos que são usados para otimizar serviços, treinar algoritmos e garantir o monopólio das grandes empresas de tecnologia e conglomerados educacionais. O resultado é a subordinação da educação aos imperativos da vigilância e do lucro, onde a eficiência tecnológica e a acumulação de dados passam a ditar as prioridades e a moldar o ambiente de aprendizagem, limitando a autonomia pedagógica em favor da lógica do mercado.

Neste quadro complexo, a análise crítica transcende a mera descrição do uso de tecnologia. O domínio esmagador das *Big Techs* na educação pública e privada é interpretado, sob as perspectivas decoloniais, como um novo ciclo de colonialismo digital. O foco da análise de Silveira (2021) é a modulação do comportamento humano como objetivo central do mercado de mineração e análise de dados pessoais. Para o autor, essa técnica vai além da mera publicidade ou difusão de notícias, concentrando-se na criação de "situações sociais" projetadas para influenciar os sujeitos.

A arquitetura algorítmica destas plataformas, centrada na extração e dataficação massiva de interações (Van Dijck, 2013; Evangelista, 2022). O livro *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media* (2013), de José Van Dijck, constitui um marco teórico fundamental ao

deslocar a análise das mídias sociais de uma perspectiva utópica para uma crítica estrutural, focando na arquitetura sociotécnica das plataformas.

A autora postula que a alegada "cultura da conectividade" não é um processo social orgânico, mas sim um ambiente rigidamente formatado e mercantilizado por grandes corporações (*Big Techs*). Van Dijck detalha como as plataformas implementam um dispositivo de extração que codifica as interações e práticas sociais em dados quantificáveis, submetendo-os a lógicas algorítmicas e a modelos de negócios que visam primariamente à acumulação de capital.

Em uma convergência crítica e contextualizada, Evangelista (2022), "Educação em um cenário de plataformização e de economia dos dados", transporta esse quadro teórico para a esfera educacional brasileira, analisando a permeabilidade do setor público à lógica das plataformas. O autor investiga as assimetrias de poder estabelecidas nos acordos de cooperação entre as redes de ensino e as empresas de tecnologia, especialmente após a aceleração do ensino remoto implementado pela pandemia do COVID 19. Evangelista (2022) evidencia que a rápida adoção de soluções digitais acarreta a vulnerabilidade dos dados de discentes e docentes, que se tornam insumos valiosos para o capitalismo de vigilância e para o treinamento de I.A., colocando em risco a soberania digital e o direito à privacidade.

O estudo atua como uma advertência empírica e política, sustentando que a plataformização da educação, ao converter práticas pedagógicas em fluxos de dados, subordina a finalidade pública e emancipatória da educação aos interesses extrativistas do mercado.

O presente artigo alerta criticamente sobre o fenômeno da plataformização no ensino-aprendizagem brasileiro, investigando como a racionalidade neoliberal, o capitalismo de vigilância e a colonialidade digital se entrelaçam para reconfigurar o trabalho docente e comprometer a qualidade social da educação. Guiada pelo diálogo entre a Teoria Crítica (Adorno) esta investigação se justifica pela urgência em confrontar a narrativa de inovação e buscar futuros alternativos às *Big Techs*, defendendo a soberania digital e uma pedagogia que preserve o pensamento crítico, a autoria e a autonomia no cerne do projeto educativo.

Para tanto a Plataformização da Educação sob o prisma da crítica adorniana à Indústria Cultural revela um aprofundamento da razão instrumental no campo pedagógico. O risco de esvaziamento pedagógico reside, precisamente, na transposição da lógica da Indústria Cultural,

baseada na padronização, na serialização e no fetiche da mercadoria para a experiência formativa. As plataformas digitais, ao transformarem o processo de ensino-aprendizagem em fluxos de dados gerenciados por algoritmos, efetuam uma subsunção formal e real do conteúdo curricular e da interação humana à técnica. Esta mediação algorítmica é a manifestação contemporânea da sociedade, na qual o controle burocrático e a eficiência tecnológica (eco do positivismo) subjagam a reflexão crítica e a negatividade.

Consequentemente, a função emancipadora da educação (*Bildung*), orientada para a autonomia e a resistência à coisificação, é comprometida; o foco métrico e adaptativo das plataformas tende a reduzir o sujeito a um conjunto de *inputs* e *outputs*, promovendo a semiformação (*Halbbildung*), a absorção acrítica de informações utilitárias em detrimento da capacidade de experiência e de pensamento autônomo. Tal diagnóstico encontra ressonância na tese adorniana de que a própria cultura se converte em instrumento de dominação: A cultura agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede a formação cultural, mas a sucede. (Adorno, 1995, p.195)

Para tanto a crítica da Escola de Frankfurt à Plataformização da Educação, sob o aporte de Adorno e Benjamin, revela a subsunção do processo formativo à razão instrumental da Sociedade. Segundo Adorno (2020), a transposição da lógica da Indústria Cultural para o campo pedagógico manifesta-se na serialização, padronização e mercantilização do saber por meio de plataformas e algoritmos. Essa mediação técnica transforma a experiência educacional em fluxos de dados, priorizando a eficiência e a métrica sobre a reflexão e a negatividade inerente à verdadeira crítica. O resultado é a proliferação da semiformação (*Halbbildung*), onde o sujeito absorve informações utilitárias de forma acrítica, comprometendo a finalidade emancipadora da *Bildung* (formação) e a capacidade de autonomia frente à coisificação social.

Complementarmente, Walter Benjamin (2018) aprofunda essa crítica ao diagnosticar o declínio da *Erfahrung* (Experiência) autêntica em favor da vivência fragmentada (*Erlebnis*) e do impacto da reprodutibilidade técnica. O conteúdo digital hiper-reproduzível, despojado da aura do encontro singular, assemelha-se à notícia que informa sem se sedimentar como sabedoria. A plataforma, ao fornecer o conhecimento em doses pré-adaptadas, impede a apropriação crítica e a transmissão de saberes que constituem a base da tradição e da memória.

Assim, a tecnologia na educação, ao invés de democratizar a autonomia, atua como um mecanismo avançado que adapta o sujeito passivamente às estruturas de dominação do capitalismo tardio, consolidando a barbárie intelectual. A superação dos riscos iminentes à plataformação educacional, sob o imperativo ético-político da Teoria Crítica, demanda uma desinstrumentalização da técnica que subverta a lógica reificante da Indústria Cultural e da Sociedade Administrada.

A proposta reside na inversão teleológica dos artefatos digitais, transmutando-os de meros dispositivos de controle algorítmico e padronização massiva em instrumentos heurísticos a serviço da autonomia do sujeito e da dialética da formação. O combate à ampliação da desigualdade de acesso e qualidade é indissociável da universalização da infraestrutura e do letramento digital crítico, que deve desmascarar a aparência de neutralidade da técnica e impedir a consolidação da *Halbbildung* por meio do consumo passivo. Estruturalmente, isso se traduz na exigência de sistemas abertos e flexíveis que empoderem o docente como autor autônomo e mediador crítico, dedicando o tempo liberado pela automação à interação dialógica e à mediação da *Erfahrung*, essenciais para evitar o esvaziamento do professor e restaurar a singularidade aurática do processo pedagógico.

## Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.

BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza**: Walter Benjamin em Ibiza, 1932-1933. São Paulo: Editora 34, 2023.

EVANGELISTA, J; Et. al. **Educação em um cenário de plataformação e de economia dos dados**: problemas e conceitos. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução de Robespierre de Oliveira e Rogério Bettoni. São Paulo: Edipro, 2015.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cáster Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.

MITROVITCH, C. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVEIRA, S. A. da. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media**. New York: Oxford University Press, 2013.